



VISTA DE MORONI NA ILHA COMORE.

A maior das ilhas Comores, (1) que dá o nome a todo o grupo, tem igualmente o de Angazija, e a sua extensão é de doze leguas de comprimento por cinco a seis de largura: em tempo sereno descobrem-se as altas campinas a 160 kilometros de distancia. O terreno, de formação vulcanica, é coberto de lavas: duas elevadas montanhas, uma ao norte e outra ao sul, vem correndo até ao mar com declive suave, e as vertentes interiores reunindo-se quasi ao meio da ilha formam uma passagem que põe as duas extremidades em comunicação. Vinte e cinco povoações maiores e menores, com edificios quasi todos de pedra, estão espalhadas pela costa maritima; e consta que para o interior ainda é mais povoada.

Na falta absoluta de agua corrente, os habitantes não tem outra para beber durante oito mezes do anno senão a dos cocos. Pode d'ahi inferir-se quaes seriam os seus padecimentos depois da tempestade de ventos que em janeiro de 1846 arrancou pela raiz ou fez estalar grandissimo numero de arvores seculares, incluindo enormes baobabs (figueira dos pagodes) e mais de metade dos coqueiros.

O gado de excellente casta, constitue toda a riqueza de Comore, que não tem industria, nem commercio, nem agricultura; e por isso não é de admirar que parte da população emigre annualmente para as ilhas visinhas. Os indigenas fabricam para estas viagens certas embarcações caracterisadas pela forma singular da proa; e até passam n'ellas á In-

dia, esperando todavia monções, porque esses barcos de construcção defeituosa a muitos respeitos só podem navegar com vento em popa. (1)

Moroni, capital dos dominios do sultão. Achmet, é situada na costa do sudoeste da ilha. Aqui aportou em 6 de novembro de 1844 o navio *Prudence* commandado pelo official da marinha franceza, mr. Bosse, o qual diz em seu relatorio. «— No seguinte dia pelas onze horas, fomos a terra levando grande uniforme e acompanhados dos militares que traziamos a bordo para nos cercarmos de certo aparato: visitamos o sultão que nos recebeu muito bem offerecendo-nos o seu prestimo e promettendo-nos hospitalidade franca por todo o tempo que ali nos detivessemos, e em prova de amizade presenteou a tripulação com um boi magnifico. No outro dia veio jantar connosco trazendo em sua companhia alguns dos chefes como lhe haviamos pedido. O nosso acolhimento correspondeu ao que d'elle recebemos; fizemos-lhe as honras militares com uma salva de sete tiros e houve exercicio de peça e espingarda na sua presença. Este homem, que á dotado de bom juizo, tendo viajado bastante e chegado de Meca havia pouco, mostrou-se admirado do que observou agora.

Todos os habitantes quizeram ver o nosso navio, que para elles era um espectáculo novo. Maravilhavam-se de tudo, testemunhavam grande alegria pelos insignificantes presentes que se lhe faziam, e não tardou que se dessem optimamente com a marinhagem.

É difficil conciliar estes factos com a asserção de

(1) As ilhas Comores ficam ao norte do Canal de Mocambique; quatro são as principaes, e contem vinte mil habitantes pouco mais ou menos; entre 11 gr. e 20 e 13 gr. e 3 de latitude sul, e 40 a 43 gr. de longitude leste.

(1) Vid. p. 120.

Horsburgh, repetida por muitos viajantes, de que os habitantes de Comore se mostram ferocissimos para com os estrangeiros, salvo suppondo-se que desde então abrandaram muito os seus costumes.

Deixando de parte os lados do poente e do sul de Comore, onde não podem atracar embarcações, seguiremos M. M. Bosse e Passot na exploração de outros sitios do littoral em companhia de Achmet.

Distante tres ou quatro milhas de Moroni acha-se Iconi, cidade antiga, que foi a mais consideravel da ilha e de que apenas restam poucas casas e algumas ruinas: a sua destruição foi obra dos malgachos que em tempo das invasões escolhiam habitualmente aquelle logar para desembarque. Ali ha um manancial de agua doce, unico em toda essa costa dez leguas em redondo.

O sultão Fombavú, que possui uma porção grande do territorio maritimo ao norte de Moroni recusou receber os navegantes francezes, á sollicitação dos quaes respondeu que estava socegado em sua casa sem conhecer os brancos, nem d'elles queria ouvir fallar. Ha duas povoações principaes onde indistinctamente reside Hitsandra, e Tchonzini; uma estende-se pela beira mar, a outra ostenta a fórma de amphitheatro no reverso de um monte sendo cercada de brancas muralhas; ambas ficam perto da bahia chamada tambem Hitsandra, e são defendidas com pequenas torres ameidadas e muros bem construidos.

Mais além são os dominios de Babafene, cuja residencia é Thoveni; grande numero das casas d'esta cidade despojadas dos tectos revelavam a passagem de uma raça de audazes malgachos, que atravessando o canal de Moçambique em canoas vinham saltar na costa e devastal-a; adestrados no manejo da espingarda tem vantagem mui superior contra adversarios, que não conhecem senão as armas brancas; e por isso os naturaes de Comote, de seu natural pouco valorosos, não confiavam, nem na sua força muscular fóra do commum, nem nas suas boas muralhas, e nos actos de invasão inimiga davam-se pressa em fugir largando tudo á descripção dos invasores.

A praia está salpicada de pequenas pyramides brancas que os habitantes consideram como talismans preservativos d'aquelles ataques; e todavia n'uma das incursões dos malgachos a mulher e a filha de Babaúna, amigo de Achmet, foram raptadas e reduzidas á escravidão em Madagascar, e para seu resgate acabava de offerecer este ultimo a somma necessaria.

Passado o territorio de Babaúna chega-se á sultanía de um filho de Achmet. O solo á entrada assás uniforme gradualmente se vai mostrando bastante irregular, e desde a ponta de noroeste até á capital, Moutchamioli, é abrupto e erriçado de asperezas vulcanicas recamadas d'herva, ao passo que as gargantas ou desfiladeiros que as separam são cobertas de arvoredos. As ribas do mar, denegridas e em quasi toda a parte a pique, são formadas de residuos das lavas contra as quaes o mar quebra com violencia.

Os nossos viajantes foram recebidos em Montchamioli com muitas attensões e cordialidade por Achmet e seu filho; o primeiro teve a cortezia de offerecer uma casa que acabava de edificar e recolher-se n'uma choupana. Ainda que cheio de pedras calcinadas, como o de Moroni, é fertil este chão e dá nascimento a vigorosa vegetação. As bananeiras, limociros, e grande numero de outras arvores fructíferas com densa ramagem, mantem fresca sombra ainda mesmo no pino do meio dia. Semelham uma vasta quinta. Com pouco esforço de cultura produ-

ziria o torrão admiraveis safras, principalmente de café: porém os apathicos insulares contentam-se para sustento com algumas batatas, e os cocos e bananas, que a natureza lhe offerece em abundancia: tão parca alimentação não obsta a que alcancem estatura colossal e sejam dotados de força athletica.

A PENA DE TALIÃO

ROMANCE HISTORICO.

III

O preço do sangue.

As palavras trocadas entre o mancebo e o alcaide de Cham correram tão rapidas segundo o notamos, que Fr. Gil, escutando-as, nem tempo teve para se interpor. As mãos dos dous cavalleiros, enlaçados sellavam já o pacto, e ainda o monge, perplexo e ancioso, duvidavase era sonho, quanto acabára de ouvir.

Seguirão-se alguns instantes de silencio. O prior foi o primeiro, que o interrompeo; adiantando-se a passos lentos, e pegando na mão de Reimão Viegas, disse-lhe comovido.

— «Todos serão julgados segundo as suas obras. O sangue pede sangue! Pela criação, que te dei pelo amor que me debes, compadece-te das lagrimas d'este velho, que te quer tanto, ou mais, do que se fosses filho. Não levantes sobre ti a espada de Deus: Confia na sua justiça. Os maus não rirão impunes muito tempo; acima d'elles e de nós está quem disse, que o sangue do innocente bradará eternamente aos pés do seu throno!»

Fallando assim a voz de Fr. Gil soffocava-se a cada momento, e o pranto deslisava-lhe em fio pelas faces e pelas barbas, longas, e já alvas.

O mancebo, sombrio e severo de aspecto contemplava-o sem abrir os labios; mas era facil ler-lhe na fronte annuviada, e nos olhos animados de sinistro fulgor, a resolução inabalavel de uma vontade decidida a não se deixar vencer.

Depois de curta pausa, arrancando a mão do aperto convulso, em que a estreitava o Prior, Portocarrero respondeu-lhe com o sorriso acerado de ironia:

— «Que importa que o sangue brade? Não dizem os sanctos Bispos, e os monges, que as suas orações lavam o maior culpado, abrindo-lhe as portas do paraizo? Se estes, que me feriram, forem ajoelhar-se aos pés de um prelado rico, levando as mãos carregadas de dadas e promessas, cuidais, reverendo nono, que o despedirá perguntando-lhe, como o Senhor a Caim o que fizeste de teu irmão Abel? Ninguém é julgado segundo as suas obras, devoto prior! E senão vede?! Quantos mosteiros terião de largar senhorios e rendas—quantos Bispos terião de tirar a mitra para cubrir o corpo de burel grosseiro e a cabeça de cinzas ardentes? O mundo vai assim; deixai-o! Se a minha boa espada me não fizer prompta, justiça, acreditai que até ao dia do juizo estarei esperando!»

O alcaide, que durante este dialogo media o aposento de um lado para o outro, passeiando agitado, deteve-se, e aprovou com uma risada secca as ultimas phrases do cavalleiro. Fr. Gil, pelo contrario, ouvindo-as, sentio crescer a afflicção no peito, e voltou-se grave e quasi ameaçador para ambos, exclamando:

—«A soberba é a loucura dos que julgão, que o pó assoprado pode toldar os olhos d'aquelle, que vê tudo! Se na igreja ha alguém que orre, as suas culpas são nodoas proprias que o mancham, mas não cahem sobre a pureza do altar a que desce á voz do sacerdote a victima immaculada! O sangue paga-se com sangue; e quem a ferro mata, hade morrer a ferro. É a palavra de Christo. Duvidareis d'essa tambem? Para receber o peccador afflicto e desvairado, a igreja, mãe carinhosa estende sempre os braços com affecto...

—«Oh! atalhou o alcaide de Cham com um sorriso de escarneo, e quem o ignora? Não os tem ella bem longos e pezados, se não mentem as vozes dos solarengos e serviçaes? Que o digam os do burgo episcopal do Porto, serios como adro de cemiterio, pobres e mofinos como verdadeiros leprosos. Padre Fr. Gil não julgueis por vós os outros. O ouro abran-da as penhas Negra que um rico tenha a alma, como o mouro, ou o judeu mais immundo, se fizer prazo a Sancta Cruz de alguma vinha deliciosa na vizinhança do mosteiro, ou de cinco maravediz de além Douro á Albergaria de Poyares, se desbaratar todo o seu cabedal pelas Sés em anniversarios, tão seguro refugio lhe alcançarão os monges e conegos com suas preces no purgatorio, como se passasse a vida entre asperezas de penitencia na cella de um hermitão...»

O alcaide suspendeu-se aqui advertindo nas lagrimas, que manavam dos olhos do velho.

A maneira porque Reimão Viegas aplaudia as palavras de seu primo, acabou de traspasar o coração do monge, e imaginando que para sempre se apagara a fé pura e fervorosa, que lhe tinha arreigado no peito com tanto eserupulo, chorava com mortal angustia, como o propheta, sobre a ruina das suas esperanças, e sobre as trevas, em que se mergulhava um espirito, que promettia tanto poucos mezes antes.

Comtudo, posto que esmorecida e incerta, a luz moral ainda allumiava um recanto da alma, e observando a agonia e as lagrimas do homem, que amara quasi como pai, e que venerava pela singeleza da virtude, Portocarrero vacillou um instante, e logo depois soluçando, atirou-se aos braços do prior, dizendo-lhe:

—«Não choreis! Sou louco, mil vezes louco! Nem eu sei o que fallei!.. Em que vos offendi? Desculpai; são os desvarios da agonia, que me consume. Se visseis o que viram os meus olhos!.. Voto á Virgem um frontal de brocado; prometto cubrir-me de vaso e jejuar tres dias para que Deus se compadeça, e me perdoe!.. Padre, orai por mim! Esta cruz de amarguras é tão pezada e as dores d'este Calvario são tão agudas!..»

—«Deus hade perdoar, como eu perdô-o, o escândalo que lhe deste, redarguiu o monge enternecido, e pousando a mão sobre a cabeça do mancebo quasi ajoelhado aos seus pés.

«Ambos pediremos á Virgem, que desvie as tentações e os maus propositos, filhos da ira e da vingança... Asserena o teu espirito. É pezada a tua dor, bem sei; olha, porém, que no fim d'esse caminho de magoas e espinhos mora a consolação divina para enchugar as lagrimas do afflicto, cingindo-lhe a coroa da bemaventurança em premio da paciencia. Reimão Viegas, filho! O homem passa no mundo, como a ave nos ceus, sustentado nas azas da esperança entre o empyreo e o mar da perdição... Se os estímulos da fé, se as forças do coração o desampararem, a per-

da é certa... depois de uma vaga, enrola-se outra, e nunca mais acha porto aonde descansa!»

Portocarrero escutava-o immovel e commovido. Com a fronte inclinada, e os braços pendentés combatia consigo mesmo, e na lucta occulta, ora succumbia o pensamento mau, que o dominava, ora rompia, por momentos, e para logo se apagar, a luz celeste, a ideia do perdão e do esquecimento, que a voz do prior, quasi segundo pai, advogava com tanta eloquencia, amaciando com palavras meigas a viva chaga, que sentia arder.

Do seu lado o alcaide não estava menos abalado, mas procurava disfarçar-se, e mais senhor das suas paixões obrigava o rosto a desmentir o peito.

Decorridos dous ou tres minutos, durante os quaes nenhum dos tres se atreveo a revelar o que lhe dizia o coração alvoroçado, Reimão Viegas, por um gesto impetuoso alçou a cabeça, e com a vista chamejante, e o punho cerrado, exclamou em resposta a Fr. Gil:

—«Dizeis-me que espere, devoto prior? Que remedio tem o tempo contra dores fundas e eternas, que em uma hora envelhecem o corpo e o espirito, como se vissem seculos? O tempo, para estas penas, é o que seria a voz do louco, que dissesse agora áquellas nuvens que veem correndo: para!.. Que gritasse ao trovão, cala-te, e ao raio, que além fuzilla, some-te, então desças!»

—«Meu Deus! atalhou o frade. Arreda essas imaginações tristes, e soccorre-te ao senhor, que elle ha de ter-te da sua mão, esforçando-te para não ficares vencido. O mundo chama covarde ao cavalleiro, que em um recontro, deixa cair a espada, e volta as costas: traidor, cem vezes traidor, é quem renega a sua fé por um punhado de ouro; mas aos olhos do Eterno mais covarde e traidor ainda seria aquelle, que sabendo-o, vendesse até a esperanza da sua parte no paraíso por um dia de sangue e de vindicta... Para esse, juro-te, que não pode haver perdão no ceu!.. Animo, filho! Abraça-te com a cruz do salvador, que te remio, eleva o teu espirito para elle, offerece-lhe o martyrio, que padeces, e orando e esquecendo, encontrarás a paz, que debalde pedes, e que a mentira e o crime nunca te darão!»

—«Orar, eu, reverendo nono! acudio o mancebo com exaltação. Para rezar é preciso perdoar e esquecer, vos o dissestes, e a memoria do que fui, e a lembrança do que me tornaram, cada vez me queima com mais ardor aqui!»

E fallando assim apertava com ancia a cabeça entre os punhos. Depois acrescentou em tom sumido, como se respondesse a si proprio. «E como queima! Trago-a sempre comigo a escaldar-me o cerebro, e a perder-me a alma».

—«Mancebo, observou o prior, detendo-o pelo braço, e cravando nos d'elle os seus olhos humidos de affecto e de piedade, Jesus Christo do alto da cruz deu-nos o exemplo, perdoando aos seus algoses. Estás ainda na flor da idade e não avalias o tormento que será ver diante dos teus passos o remorso erguido, tomando a figura das tuas victimas, e ouvir no meio da noute a sua voz, negando-te o socego e o perdão, como tu o negaste aos outros. Reimão Viegas esquece, e entrega a Deus a tua justiça».

—«Não posso! bradou Portocarrero medindo o aposento a passos largos, e levantando a mão com furia. Não! Entre mim e elles está a deshonra e o aviltamento d'uma linhagem inteira de cavalleiros, está o corpo do velho, que foi meu pae, e que pelas dez boccas das suas feridas clama, que ainda espera

por quem o hade vingar! Sangue por sangue! Affronta por affronta! Não os busquei, não os feri primeiro; vieram, queixem-se de si!»

Nos olhos do mancebo borbulhavam as lagrimas, mas o fogo da ira secava-as antes de se desenrolarem pelas faces.

O alcaide, palido e suspenso com a revelação de Portocarrero, apertava o punho da sua adaga, e com a vista fitta, e os dentes cerrados, parecia aguardar só o nome dos assassinos para despedir o golpe.

Fr. Gil, convulso e abatido ajoelhou, e tremulo e consternado como quem conhece a vida, ou a morte pende apenas d'um aceno, recolheu-se em uma dolorosa meditação. A testa do velho quasi que varria as lageas do pavimento, e a sua illicção era tão vehemente, que as palavras afogavam-se-lhe em soluços sem as poder articular.

No meio d'esta scena, a tempestade amiudára os bramidos, e o clarão dos relampagos, frequente e proximo, entrando pelas frestas pontiagudas vinha illuminar de fulgor sanguento este drama, em que as paixões humanas não se desfrevam menos impetuosas, nem rebentavam com menor estrondo.

Passado algum tempo, empregado em invocar o auxilio de Deus, o prior ergueu-se, e abraçando o seu discipulo disse-lhe com ternura:

— «A teu pae, D. Reimão, devi quanto um amigo pode dever a outro; a ti amo-te... amei-te como filho. Pelo ceu, que nos vê, por aquelle que repousa em jazigo ensanguentado, e por tua irmã que é...»

— «Minha irmã? clamou Portocarrero em grande brado, perguntai por ella aos que a virão pedir a vida em vão, e não a salvaram! Ide ao claustro de algum mosteiro proximo do meu solar, que lá achareis talvez ainda muitos dos villões e traidores, que a mataram, ou que foram causa de ella morrer. Ide, e se o somno da ebriedade, que dormem envoltos nos coromens de arraz das mulheres perdidas os deixar fallar, elles vos contarão o nobre feito... Ouvios, discantando ao som das violas, e no meio das trovas dos jograes, e voltaí depois para dizerdes ao filho que esqueça o sangue do pae, ao irmão que perdoe a morte da irmã.»

— «Senhor Deus tende compaixão de mim! «murmurou o monge, curvando a fronte como fulminado e erguendo as mãos.

— «Por sanctiago Apostolo!» gritou, ou antes rugio a voz do alcaide D. Ruy Viegas, batendo com o punho fechado sobre o parapeito da janella.

Estas duas exclamações, que se uniram quasi, proferidas como foram ao mesmo tempo, diziam tudo. No prior era o gemido da ultima esperanza, que fugia. No cavalleiro era o brado mortal e fero da vingança represada, vendo diante o alvo do seu odio.

Depois ambos, silenciosos e pasmados, interrogaram o mancebo com os olhos, porque não o ousavam com as palavras, esperando anciosamente as confidencias, que elle se mostrava disposto a não retrahir mais.

Então, com a insensibilidade contrafeita e apparente, que nos caracteres viris encobre de ordinario o tumulto interior do peito, Portocarrero contou-lhes como depois de morto o pae á traição, e no seu proprio sollar, aquelles homens sem entranhas para infamarem a nobresa d'uma familia sem mancha, seguiram a filha por valles e serras, com alões destrelados, como se caçassem uma fera ao som de trompa. O seu fim era forçal-a a esposar um villão de herdade, depois de deshonorada: dous dias vagueou a triste orphã, por brenhas e selvas, perdida e louca, se-

rindo-se nos espinhos do matto, rasgando-se nas pontas das rochas, e tremendo de frio e fome. No terceiro, quando rompia a aurora, uns trabalhadores, que andavam perto, viram surgir no pincaro d'um rochedo pendido sobre o Douro, e por entre as nevoas, uma forma incerta, e chegando-se, conheceram que era uma donzella, que lhes estendia os braços, e que no meio do seu riso de demencia, olhava para a corrente, que por baixo, rapida e entalada no seu leito de rochas, se atropellava com estrepito.

Depois em um instante, viram aquelle corpo enovellar-se, dobar pelos ares, resaltar batendo nas pontas dos penhascos, e por fim afundar-se nas aguas do rio.

Acudiram, era tarde. A filha dos Portocarreros tinha cessado de padecer: e a morte, passando por ella, não lhe alterara, nem a belleza innocente, nem o brando sorriso de candura, que em vida fora o seu realce.

Estava como se dormisse, cansada de tanto penar, com a face reclinada no seio materno, debaixo do tecto hospitaleiro dos seus paços.

Ouvindo esta cruesa, horrenda e nova, o monge, para o qual o esplendor e as delicias da terra se reduziam apenas a uma lembrança remota, e que dos outros homens só conhecia os desgraçados para lhes suavisar o infortunio, as oppressos e dasvalidos para lhes deitar no regaço o obolo do pobre, o monge que pouco antes apontava severo e firme para a justiça de Deus, condemnando a vingança da ira, sentio no coração um golpe e um estremecimento.

É que elle mesmo, sacerdote, e ministro de paz, em presença de tal crueldade percebeu, que se ainda apertasse uma espada, não a meteria na bainha sem tirar o desagravo, vivendo no seculo, e respondendo deante d'elle pelo nome e pelo sangue da sua raça.

D. Ruy Viegas, á medida que Portocarrero proseguia na sua narração, ia-se tornando branco de jaspe; e quando o mancebo findou, com os olhos enchutos, e o peito soffocado, o alcaide sem pronunciar uma palavra, estreitou-lhe outra vez a mão, e assim confirmou silenciosamente o pacto ajustado antes.

Portocarrero, com o mesmo sorriso livido, que traduzia no seus labios a dor e a desesperação, cruzando os braços, encarou-o mudo, tambem, por alguns momentos; depois, dirigindo-se a fr. Gil e ajoelhando, disse-lhe comovido, e em voz triste:

— «Meu pae porque já não tenho outro! — recusareis a vossa benção ao filho e ao irmão, que se levanta do sepulchro d'um velho, e d'um anjo para ir á corte pedir contas do crime, ou fazer justiça por suas mãos se lh'a negarem?»

O monge não disse nada, mas a sua mão tremula e aberta pousou-se lentamente na cabeça do cavalleiro, e este levantando-se, não divisou nos olhos do prior nem ira, nem censura; o que vio foram só lagrimas de compaixão.

(Continúa.)

L. A. REBELLO DA SILVA.

ENSAIO SOBRE O VALOR REPRESENTATIVO DOS METAES PRECIOSOS NO MEIADO DO SECULO XIII.

Formariamos uma idéa assás exacta do valor representativo dos metaes preciosos reduzidos a moeda em diversas epochas da monarchia, se comparassemos os preços de certos generos nessas epochas com os que hoje têm os mesmos generos. O resultado porem não

poderia considerar-se infalível: para que o fosse seria necessario estudar a questão em todas as suas phases, examinando as differentes circumstancias que se davam em relação a esses generos; estudo sobre o interessante e que não deixaria de ligar-se a outras considerações de grande momento, mas que não pretendemos emprender, convencidos como estamos do pouco cabedal que para elle possuímos.

Procuraremos no entretanto fazer sentir qual a differença entre os preços actuaes de alguns artigos mais conhecidos e necessarios aos usos da vida ordinaria, e os que elles tinham no meiado do seculo XIII, para d'ahi deduzirmos o valor aproximativo do dinheiro.

Temos felizmente um documento authenticico que nos subministra as informações desejadas. É a lei de Affonso III de 26 de dezembro (7 kal. jan.) de 1253 (1), na qual se regula o preço porque deviam ser pagos, na provincia de Entre Douro e Minho, os generos e mercadorias na mesma designados, conhecendo-se ser esse preço o *maximum*, por se estipular, quasi a cada passo, que o artigo a que elle se refere seria da melhor qualidade. Posto que esta lei só diga respeito ao mercado do Minho, é de crer que os das outras provincias do reino não se achassem em circumstancias mui diversas. O que deu causa á sua publicação, foi o augmento de preço produzido pelo receio de que D. Affonso pretendia *quebrar moeda*, isto é, deprecial-a em beneficio do fisco (2). Este documento é preciosissimo pelas muitas noticias que encerra, não só em relação aos preços do mercado, mas por que pelo estudo do mesmo se póde vir a conhecer o estado da industria e commercio n'aquella epocha; o gosto, as modas que então prevaleciam, e muitas outras circumstancias importantes (3).

Como a moeda n'aquelle remoto periodo era muito differente da que nos é hoje familiar, releva em primeiro lugar determinar o seu valor intrinseco, mos-

trando qual era o correspondente a cada uma das diversas moedas, mencionadas n'esta lei, se corresse actualmente. Seria facil calcula-lo com toda a exactidão se soubessemos o toque que tinha então a prata cunhada; mas é o que ignoramos. O unico recurso que nos resta, portanto, é suppormos que o marco de prata tivesse o mesmo toque de 11 dinheiros que hoje tem; o que aliás é muito provavel, por isso que a depreciação da moeda só teve logar muito tempo depois da epocha a que nos estamos referindo. Isto posto, o processo é facil, porque a lei de 1253 nos diz que o marco de prata *valia 12 libras do dinheiro de Portugal*. Ora, como o marco de prata cunhado em moeda vale hoje, segundo a lei de 29 de julho de 1854, 9\$120 réis, se dividirmos esta somma pelas doze libras, teremos em resultado que a libra valeria actualmente 760 réis. Sabemos que a libra era de 20 soldos, e o soldo de 12 dinheiros; logo o soldo valeria hoje 38 réis, e o dinheiro 3 e um sexto de real.

O mesmo documento nos assegura que o *maravedi alfonsim* era igual a 30 soldos (1\$140 réis), o *maravedi velho* a 27 soldos (1\$026 réis), e o *maravedi novo* a 22 soldos (836 réis); estas tres moedas eram de ouro, e a libra de prata.

Assim, o valor d'estas diversas moedas, se hoje tivessem curso legal, seria o seguinte:

Maravedi alfonsim	1\$140 réis
" velho	1\$026 "
" novo	836 "
Libra	760 "
Soldo	38 "
Dinheiro	3 "

Vejámos agora como, no anno de 1253, se avaliavam os generos, os animaes domesticos etc. Pareceu-nos inutil fazer menção, n'esta resenha, da moeda original, reduzimo-la portanto ao seu valor em réis actuaes, segundo o calculo acima.

TABELLA N.º 1

	Preço em 1253	Preço medio actual	De quantos por cento é o augmento
Um boi vivo	3\$078 Réis	43\$200 Réis	1300 por cento
Uma Vacca de leite (4)	2\$052 "	38\$400 "	1700 " "
Um porco de 3 annos	1\$026 "	16\$800 " (5)	1500 " "
Um carneiro	\$256 " (6)	3\$000 "	1070 " "
Uma cabra	\$256 "	4\$000 " (7)	1460 " "
Um macho ou mula (8)	45\$600 "	100\$000 "	220 " "
Um cavallo fino (9)	38\$000 "	150\$000 "	300 " "
Uma egua	11\$400 "	120\$000 "	950 " "
Um jumento	5\$700 "	24\$000 "	320 " "
Uma jumenta	2\$850 "	19\$200 "	600 " "
Um capão	37 "	500 "	800 " "
Uma gallinha	38 " (10)	320 "	740 " "
Um frango	18 " (11)	160 "	740 " "
Uma perdiz	15 "	120 "	700 " "
Um pombo	9 "	100 "	1000 " "
Um coelho (cunilio)	12 "	100 "	730 " "
Uma lebre	19 "	150 "	700 " "
Dous ovos	3 "	20 "	530 " "
Carne de vacca, por arratel (12)	6 "	70 "	1000 " "
" " porco " "	12 "	100 "	700 " "
" " carneiro " "	12 " (13)	50 "	300 " "
" " porca " "	9 "	100 "	950 " "
" " ovelha " "	9 " (14)	50 "	420 " "

TABELLA N.º 2.

	Preço em 1253	Preço medio actual	De quantos por cento é o augmento
Um quintal de queijo	1\$140 Réis	17\$920 Réis (\$140 por arratel)	1470 por cento
Um alqueire de mel	342 »	3\$840 Réis	1020 » »
Uma arroba de unto.	608 »	4\$500 »	640 » »
Dita de amendoas	1\$140 »	6\$000 »	430 » »
Um alqueire de azeite.	285 »	1\$200 » (2\$400 o almude)	320 » »
Uma pelle de boi ou de vacca	1\$026 »	6\$000 Réis	480 » »
Oito arrateis (petra) de lã	190 »	870 » (3\$480 por arroba)	350 » »
Um quintal de cobre	9\$120 »	39\$680 Réis	330 » »
Dito de estanho.	9\$120 »	37\$120 »	300 » »
Dito de chumbo	1\$900 »	6\$400 »	230 » »
64 alqueires de sal (15).....	1\$140 »	3\$625 » (3\$400 o moio)	220 » »
Um quintal de pez	1\$140 »	3\$600 Réis	210 » »
Dito de alcatrão	1\$900 »	3\$600 »	100 » »

É muito para notar a grande desigualdade que houve na apreciação dos generos que mencionamos, comparativamente com a que ora lhes é dada, subindo a nossa estimativa em alguns artigos a 1700 por cento, e em outros apenas a cento por cento. É de primeira intuição que se o nosso calculo fosse baseado sobre todos esses artigos nunca seria possivel chegar a um resultado satisfatorio; porque muitos d'elles, quer seja pelo atrazamento da industria, quer por outras causas especiaes, deviam ter então um valor que a sua vulgarisação lhes tem feito perder hoje.

Com effeito a nossa resenha é sufficiente (e poderiamos ter augmentado) para fazer sentir que quasi todas as produções da industria, nos seus diversos ramos, eram caras relativamente ao valor do gado. Ainda mais, certas mercadorias, com quanto não fossem resultado da industria haviam de ser caras por circumstancias particulares, como, por exemplo, a lã, que é, por assim dizer, uma produção espontanea. De feito, é bem sabido que a lã era a materia de que os antigos principalmente se vestiam, pois que, além dos usos a que ainda é destinada servia mais para d'ella se fazerem fazendas que hoje se fabricam de algodão, sendo este ainda desconhecido, e a seda pouco usada pela sua carestia (16). O linho estava em uso (17), é verdade, mas muito menos do que a lã (18). Tendo-se generalizado n'estes ultimos tempos, a um ponto extraordinario, o uso de fazendas de algodão, linho, e seda, depreciando assim pela competencia o valor da lã, é evidente que esta devia ser *proporcionalmente* muito mais cara do que o é agora.

Os metaes, como o chumbo, estanho, cobre, deviam tambem ser caros *relativamente*, por isso que vinham em grande parte de fóra; e ninguem ignora os perigos e as difficuldades que n'aquelles seculos pesavam sobre os transportes, tanto por mar como por terra. Além do atrazamento da navegação, o roubo era a bem dizer sancionado; os corsarios eram protegidos pelos seus respectivos soberanos, senão ostensivamente, pelo menos de facto; na terra firme, sem contar a falta de caminhos, os senhores feudaes, quando não commettiam extorsões, exigiam direitos de portagem, que encareciam o valor das mercado-

rias; além de muitas outras causas onerosas para o commercio (19).

Attentos estes motivos, taes artigos não podem servir de base para se calcular o preço do dinheiro n'aquella epocha; somos, porém, de parecer que o termo medio do preço do gado e outros animaes domesticos não deixará de formar uma base assás segura para o fim dezejado.

O auctor das Memorias Politicas (20) julga comtudo que do preço do trigo é que unicamente se podem tirar conclusões exactas ácerca do valor representativo do dinheiro nas differentes epochas da monarchia. Concordámos em que, tomando-se o preço de um *unico* genero como base para esse calculo, os cereaes (21) estariam mais no caso de a ministrar, do que outro qualquer; julgámos todavia que será sempre necessario considera-los conjuntamente com os demais generos do mercado. Mas, admittindo mesmo os cereaes como base unica, é indispensavel servirmo-nos dos preços correntes em annos de colheita ordinaria; pois se forem respectivos a annos de abundancia extraordinaria ou de escacez, o resultado deve ser vicioso. Eis justamente a grande difficuldade, sobre tudo para os seculos mais remotos, em relação aos quaes faltam noticias a esse respeito, quando seria necessario, para descobrir o preço normal, tomar a media de uma serie de annos consecutivos (22). Ora, não encontrámos indicações algumas ácerca do preço dos cereaes no XIII seculo; apenas achámos uma ou duas, que se referem ao seculo seguinte, porém muito escaças e incertas (23); adiante nos occuparemos d'ellas. Em todo o caso o resultado que se obtiver do calculo feito sobre o termo medio dos preços do gado e outros animaes domesticos não deve estar longe da verdade.

Tomando pois o termo medio da percentagem relativa ao augmento dos diversos artigos designados na tabella que apresentámos sob n.º 1, se conhece que, no meiado do seculo XIII, o dinheiro, comparado com o preço do gado etc, tinha 12½ vezes o valor que hoje tem, isto é, tinha 11½ vezes mais valor, ou valia 1160 por cento mais do que actualmentemente. Mais claro: suppondo que tudo estivesse em cir-

cumstancias identicas, seria preciso dar hoje 12\$600 réis pelo que então custava 1\$000 réis.

Como já dissemos, nenhuma noticia achámos sobre o preço dos cereaes na epocha de que nos occupámos. Alcançámos comtudo algumas informações, pouco satisfatorias é verdade, do seu preço no seculo XIV,

Por um documento do bispo de Lamego do anno de 1334 (24) se vê que a teiga de pão custava ás vezes mais de meio maravedi (285 réis) (25), outras vezes valia meio maravedi, e havia occasiões em que custava só um quarto (*meios do dito meyo maravedi*) ou 145 $\frac{1}{2}$ réis da moeda actual. A teiga de Lamego era igual a 4 alqueires (26), portanto cada alqueire vinha a custar réis 71 $\frac{1}{2}$ a 35 $\frac{1}{2}$. Queixa-se o bispo da carestia do grão n'aquelle tempo, dizendo: «*consirando outro si os annos como som minguados,*» o que mostra que estes preços não eram os dos annos normaes, pelo menos os mais elevados que elle menciona. Outra circumstancia é, que não indica qual a especie de grão de que tratava, servindo-se do termo geral *pam*; pôde ser comtudo que se referisse a centeio pelo que se diz um pouco adiante no mesmo documento. Ora, suppondo que se tractava de centeio, custando este, em 1334, ou em anno de colheita ordinaria, 35 $\frac{1}{2}$ réis o alqueire, e sendo hoje o preço normal de 350 réis o alqueire, pouco mais ou menos, resulta que o augmento é de 880 por cento.

Mas se se referia ao trigo o augmento seria de 1300 por cento, calculando-se o preço actual normal a 500 réis o alqueire. Quer dizer, que, na primeira hypothese o dinheiro teria sido n'aquelle tempo 8 $\frac{1}{2}$ ou quasi 9 vezes mais caro; e na ultima, 13 vezes mais do que hoje.

Outro documento do anno de 1389, que é a escriptura feita pelo condestavel D. Nuno Alvares Pereira com os mestres e officiaes que trabalhavam no convento do Carmo (27), nos mostra que o alqueire de trigo se vendia n'aquelle epocha a 5 réis. Como o marco de prata em moeda valia então 1\$000 réis e hoje 9\$120 réis, estes 5 réis equivaliam a réis 45 $\frac{1}{2}$ da nossa moeda actual (28). De maneira que o preço do trigo teria augmentado 990 por cento. Quer dizer, que o dinheiro teria tido 9 $\frac{1}{2}$ ou quasi 10 vezes mais valor do que actualmente (29).

Eis o que encontrámos a respeito do preço dos cereaes. Mas, além de pertencer a um periodo posterior ao de que tratámos (o que talvez não fosse de grande consequencia em tempos de tão poucos progressos), ter-se-ha notado que estas noticias são deficientes a muitos respeito, e que nenhuma conclusão solida se pôde conscienciosamente fundamentar sobre ellas.

Desejariamos saber os preços dos terrenos n'aquelle epocha, o que não deixaria de ter alguma importancia; mas não colhemos noticias a este respeito. É verdade que existem cartas de venda em que se declaram as quantias pagas por certas herdades, casaes, predios etc. (30); mais ignorando-se a sua extensão e outras circumstancias torna-se impossivel fazer a comparação com os preços actuaes.

Por outro lado, sabemos que o lavrador ordinario do campo (*mancipius de lavoira*) ganhava 2\$280 réis por anno, além de 20 alqueires de alguma das especies de cereaes (*pane*), e para o seu vestuario 12 covados de *burel*, 6 varas de *bragal* e dous pares de sapatos. Ora, sendo o custo total d'estas fazendas 900 réis (31), vinha a ser o mesmo que se elle recebesse ao todo 3\$180 réis por anno e 20 alqueires de pão. Não é facil comparar a situação d'es-

ta gente com a dos nossos homens de lavoura. Parece comtudo indubitavel que 20 alqueires de trigo ou de milho, ou o que quer que fosse, não bastariam para o sustento de um individuo por espaço de onze mezes, e que elle seria obrigado a comprar mais mantimento para as suas precisões. Um trabalhador rural poderá ganhar hoje 200 réis por dia, e ao cabo de um anno (260 dias uteis) terá vencido 52\$000 réis. Se deduzirmos d'esta somma 10\$000 réis, custo de 20 alqueires de trigo (a 500 réis, preço em tempo ordinario), ficam 42\$000 réis (32), d'onde se segue, confirmando-se assim o resultado que já obtivemos, que o dinheiro devia valer no meiado do seculo XIII pelo menos 12 vezes e um quinto ou 1220 por cento mais do que vale hoje, para que um camponez, com tão escaços meios, se achasse *materialmente* em circumstancias iguaes (attendendo comtudo ao atrazamento geral ha seis seculos) aos da sua classe na actualidade.

Inclinamo-nos a crer que com effeito o preço do dinheiro nos tempos de Affonso III, e provavelmente muito depois, fosse pelo menos 12 vezes maior do que o actual. Isto porém para se provar requeria um estudo mais serio, nem o assumpto se poderia tratar isoladamente, ligando-se, como de facto se liga, ao estado da sociedade, industria, agricultura e a outras considerações economicas d'aquelle seculo. No entretanto se o nosso raciocinio for exacto, já provámos que o dinheiro valia então pelo menos 11 $\frac{1}{2}$ vezes ou 1160 por cento mais do que hoje vale.

Admittindo portanto este valor, acharemos que se uma arroba de pimenta custava 11\$400 réis era exactamente como se hoje custasse 143\$640 réis (33)! Valendo, em 1253, uma arroba de lã 760 réis, era como se a mesma quantidade valesse hoje 9\$576 (34).

NOTAS.

(1) Impressa nas Dissert. Chronol. e Crit. de J. P. Ribeiro T. 3 P. 2 p. 59 (doc. n. 21).

(2) Vid. Hist. de Portugal do sr. Alexandre Herculano T. 1 p. 42 e 43. 1.^a edição.

(3) Veja-se o partido que o sr. Herculano tirou d'este documento para o assumpto de que tratava. Ibid. p. 385 e 386.

(4) Uma vacca sem leite custava só 1\$026 réis. No documento diz-se 'Et vaca pregnans vel parida'... 'Et alia vaca'... que interpretámos no sentido que nos pareceu o mais acertado. Pode ser comtudo que a differença affectasse o vitello recém-nascido ou por nascer.

(5) Calcula-se que o porco de 3 annos pese 6 arrobas a 2\$800 por arroba.

(6) Este mesmo preço acha-se indicado na inquirição sobre a terra de Figueiredo, i. e. 4 carneiros por 1 maravedi (1\$026 rs.). Vid. J. P. Ribeiro, Mem. para a hist. das Inquir. doc. n. 21 p. 41.

(7) As cabras valem agora geralmente mais do que os carneiros.

(8) O uso das bestas mueres em lugar de cavallos no serviço militar era muito geral n'aquelles tempos (Hist. de Portugal do sr. Herculano, T. 4, p. 325 (nota). Este facto talvez explique a sua carestia relativa.

(9) Ou talvez cavallo de guerra, 'roncinus de hafordo. Um cavallo mais ordinario, 'roncinus qui non sit de hafordo,' custava 19\$000 réis. Cavallos havia que eram mais baratos custando 10 morabitos (10\$260 ou 5\$700 segundo se calcule o morab. a 27 ou 15 soldos) e menos ainda. (Vide a Hist. de Portugal do Sr. Herculano T. 4 pag. 421.) Os cavallos por força haviam de ser caros visto que era um distinctivo e uma exigencia para certa classe mesmo entre os plebeos; e a procura havia de ser grande. A maioria dos habitantes livres de certos concelhos, os que tinham foraes do typo de Salamanca, eram valleiros, achando-se os peões em minoria. Vide a obra citada.

(10) Na já citada inquirição sobre a terra de Figueiredo avalia-se uma gallinha pelo mesmo preço de um soldo ou 38 réis.

(11) Por um documento de D. Diniz de 1308 consta que os frangos estavam ao mesmo preço de 6 dinheiros ou 19 réis; de maneira que em 53 annos o valor não havia mudado. Vide Ribeiro, Dissert. chronol. e Crit. T. V, p. 388.

(12) Esta noticia do preço das carnes não é tirada da lei de At-

tonso III; mas sim de uma postura da camara de Vizeu de 1304; a differença em 51 annos, se a houvesse, não seria notavel segundo a noia precedente. Vid. Elucidario T. 1, p. 397, verb. 'Empicotar'.

(13) O motivo do alto preço da carne de carneiro, comparado com o valor do animal vivo, seria talvez por causa da lã, que era então a principal materia de que se fabricavam os artigos de vestuario.

(14) Vê-se que a carne de porca ou de ovelha era menos estimada do que a de porco ou de carneiro; prejuizo este que se não dá hoje. Havia multa e acoutes para quem vendesse porca ou ovelha como sendo porco ou carneiro. Vid. Elucidario I. cit.

(15) Consta de um documento do anno de 1340 Vid. Ribeiro Disert. Chronol. T. V, p. 396.

(16) A seda, 'sirico de roca,' valia 456 réis a onça, e outra especie, 'ssirico de aspa,' 342 réis. Seria em trama ou tecida? é o que não sabemos, por ignorarmos o sentido, n'este caso, dos termos de 'roca e aspa,' que talvez o designassem. Parece que durante o dominio dos mouros em Hespanha tinham estas fabricas de seda, que gozavam de grande fama, em Almeria e em Lisboa. Vid. Gibbon, Decline and Fall. etc. cap. 53.

(17) O panno de linho custava 114 réis a vara; hoje vale só 200 por cento mais.

(18) Os antigos serviam-se tambem de pelles para se vestirem: em Portugal, porém, provavelmente em menor escala do que em outros paizes mais frios. A lei de 1253 faz menção de fato d'esta qualidade.

(19) A pimenta, por exemplo, que vinha da India, estava, no seculo XIII, a um preço exorbitante, valendo 11,5400 réis por arroba, mais do triplo do preço actual.

(20) Joaquim José Rodrigues de Brito — Memórias Politicas. Vid. Tomo II, Mem. 4.^a

(21) O citado auctor limita-se a considerar o 'trigo' como a unica base, mas julgamos que os outros generos cereaes deveriam ser tambem contemplados, por isso que em algumas partes do paiz estes formavam a principal producção, quando em outras era o trigo que abundava.

(22) Rodrigues de Brito não refere o preço do trigo antes do reinado de D. Manuel.

(23) Não duvidamos que se se compulsarem documentos ainda ineditos se possam descobrir muitas noticias interessantes, que esclareçam este assumpto.

(24) Vid. Elucidario T. I, p. 308 verb. 'Convinhavilmente.'

(25) Não se especificando no documento que especie de maravedi era, é de suppor que fosse o de prata de 15 soldos (570 réis). Vid. 'Panorama' Serie 1.^o vol. 2, p. 190, col. 1 § 1.

(26) Vid. Elucidario T. II, p. 343 e 344 verb. 'Teiga.'

(27) Vid. Elucidario, T. I, p. 45 verb. 'Abondo.'

(28) Veja-se as Mem. Politicas de Rodrigues de Brito T. II. Mem. 5.^a p. 12. O marco de ouro valia então 13,5000 ou 12,5500 réis, e valendo hoje 129,5420 réis, segue-se que estes 5 réis valeriam, da moeda actual 49 ou 51 réis e mais uma fracção. A differença para 45 réis e uma fracção, não é grande; pareceu-nos porém que não deveriamos dar inteira fé aos referidos valores do ouro e prata sem melhores provas do que as que nos apresenta o auctor das Mem. Politicas. Faltando os dados necessarios, não podemos fazer o calculo pelo cobre.

(29) A proposito d'este documento veja-se uma correspondencia interessante que appareceu no 'Examinador' de 13, 17 e 19 de maio de 1837.

(30) Vid. Dissert. Chronol. e Crit. passim.

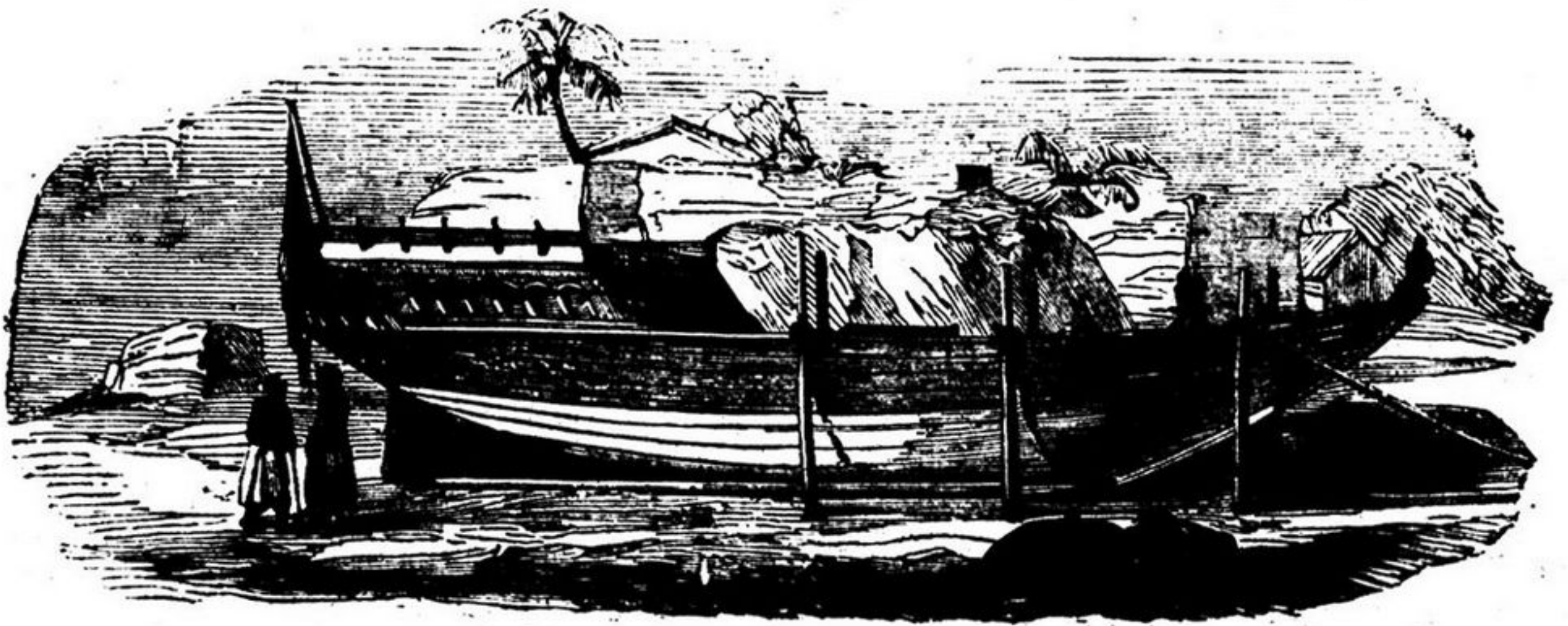
(31) O 'burel' valia 78 réis a vara e o 'bragal' 38 réis; o preço dos sapatos n'aquelle tempo regulava de 190 réis, os mais caros, a 57 réis, que eram os mais baratos, e provavelmente os que se davam ao camponez.

(32) É sabido que entre nós a retribuição que se dá aos trabalhadores ruraes é feita por diversos modos, segundo os costumes das differentes terras, e mesmo por contratos especiaes. Pode-se assentar comtudo, que, quando se não dá comida, o preço regular é de 200 a 240 réis por dia; e parece-nos que ninguém nos poderá taxar de exagerado nas cifras de que nos servimos tanto n'este como nos precedentes calculos que temos feito, mas muito pelo contrario, se se lembrar que os preços da lei de 1253 são todos para o 'maximum.'

(33) Vale actualmente a pimenta 3,5520 réis por arroba.

(34) O valor medio da lã é agora 3,5480 réis por arroba.

F. F. DE LA FIGANIERE.



EMBARCAÇÃO DAS ILHAS COMORES.

AVISO.

Roga-se aos srs. subscriptores das provincias, que ainda não satisfizeram a importancia das suas assignaturas o obsequio de as mandarem pagar, pelo seguro do correio, ou por qualquer outro meio que lhes seja mais commodo.

Aquelles senhores que quizerem continuar a honrar-nos com a sua assignatura terão a bondade de o declarar, quanto antes, em Lisboa aos distribuidores; e nas provincias, aos respectivos correspondentes, ou « por carta franca » dirigida ao editor, e acompanhada de uma ordem da importancia da assignatura.